

CENTRO DE ARTE E CULTURA DO PORTO: UMA PROPOSTA PARA A ARQUITETURA DE ESPAÇOS EXPOSITIVOS

ANNE LIZE VAZ BARBOSA¹; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – annye25fics@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Arquitetura de Espaços Expositivos tem passado por múltiplas mudanças no decorrer dos anos, graças à constante evolução nas formas de expressão e representação da arte contemporânea. Em decorrência disso, é imprescindível que a rigidez dos espaços expositivos tradicionais dê lugar a propostas mais fluidas, flexíveis e adaptáveis à especificidade de cada exposição, algumas que, inclusive, demandam maior interação do público. Nesse contexto ambas, tanto a arquitetura quanto a expografia, dialogam entre si dentro do espaço, exigindo que os projetos arquitetônicos se adaptem aos diferentes modos de experimentação da arte, que, segundo PONTES (2015), são determinados de acordo com as necessidades dos artistas contemporâneos.

Para aprofundar o tema, o presente trabalho tem o intuito de analisar dois dos espaços expositivos do Centro de Arte e Cultura do Porto, projetado como Trabalho de Conclusão de Curso para a Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) (BARBOSA, 2022).

Antes, é pertinente fazer uma recapitulação a respeito da evolução da expografia no decorrer dos séculos, para a compreensão do papel dos ambientes arquitetônicos voltados à ela.

A prática de reunir obras de arte em um espaço tornou-se popular a partir dos séculos XVI e XVII, através dos chamados Gabinetes de Curiosidades ou Gabinetes de Artes e Prodígios. Nessas salas de coleção de raridades e espécimes não havia divisões disciplinares da ciência e artes, logo tais espaços abarcavam um pouco de cada área, de acordo com ACOM (2023). Ainda segundo as palavras da autora, os Gabinetes, que precederam os museus, serviam de elo entre o conhecimento científico e a experiência estética, considerando que os objetos e artefatos expostos estavam entre o utilitarismo e o contemplacionismo. No decorrer do tempo, junto com as mudanças políticas, culturais e econômicas, os acervos, outrora pertencentes aos Gabinetes, foram institucionalizados como parte de uma nação e, com isso, surgiu-se a necessidade de projetar e organizar os espaços destinados às exposições para melhor assimilação dos visitantes (ALVES, 2010). Anos depois, no fim do século XIX, com o início dos estudos da psicologia *Gestalt*, uma ciência sobre a relação da percepção humana, POLO (2006) aborda que a expografia moderna começou, então, a buscar estratégias para “anular” o fundo e destacar as obras.

Se antes, nos Gabinetes de Curiosidade, não existia a noção aprofundada a respeito da percepção humana nos espaços expositivos, dado o amontoado de obras e artefatos nesses recintos, no período da expografia moderna surge-se uma preocupação metódica para com esses ambientes. Nesse contexto, POLO (2006) também aponta a forte influência da escola alemã Bauhaus no campo, através da utilização de branco como uma cor neutra para paredes. No entanto, é importante ressaltar que na atualidade, com a chegada da arte contemporânea,

novas maneiras de fazer arte e de expô-la, que envolvem diversos tipos de expressividade e interação com o público, passaram a exigir maior flexibilidade dos espaços expositivos. Assim sendo, este trabalho analisará as duas salas do Centro de Arte e Cultura do Porto para averiguar suas possibilidades adaptativas às necessidades diversas de uma exposição de arte.

2. METODOLOGIA

O Espaço de Arte e Cultura do Porto tem como principal característica a integração dos visitantes e transeuntes tanto com o entorno, a zona portuária da cidade de Pelotas, quanto com a sua estrutura. Foi projetado para ser implantado no lote nº 650, situado entre as Ruas Almirante Tamandaré, Giuseppe Garibaldi, com a fachada principal, Sul, direcionada para a Rua Benjamin Constant.

O edifício conta com artifícios que promovem a integração do público geral com a arte. Dentre eles, encontra-se a possibilidade de utilização da Praça Dom João Cândido, localizada entre as Ruas Almirante Tamandaré, Visconde de Jaguaré e Dr. Antero Vitoriano Leivas, cuja proposta de revitalização inclusa no projeto visa transformá-la em um local para contemplação e exposições ao ar livre. Além disso, todas as áreas externas do lote nº 650 estão dispostas entre duplas fachadas, o muro inventariado e as do próprio Centro de Arte e Cultura do Porto, permitindo que passantes observem fragmentos do conjunto sob um efeito de “movimento” (Figura 1).



Figura 1 - Fachadas do projeto. Fonte: da autora

Embora a construção tenha vários ambientes com potencial relevante para a expografia, esta análise busca focar em dois espaços de caráter expositivo, os quais dividem perímetros próximos: O Espaço para Exposições e Circulações e o Espaço para Exposição ao Ar Livre. Tal avaliação foi realizada a partir da documentação projetual, sendo esta Planta Baixa, Cortes de Pele dos respectivos espaços e um 3D da construção.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

No Centro de Arte e Cultura do Porto, dois locais destacam-se pela integração da arquitetura com a expografia: O Espaço para Exposições e Circulações e o Espaço para Exposição ao Ar Livre. Apesar de terem características distintas, o primeiro fechado e protegido, e o outro exposto à condição climática, ambos funcionam de maneira complementar, permitindo a criação de percursos fluidos e interligados (Figura 2). Isto é, podem ser usados de forma conjunta ou separada, de acordo com a necessidade de cada artista.

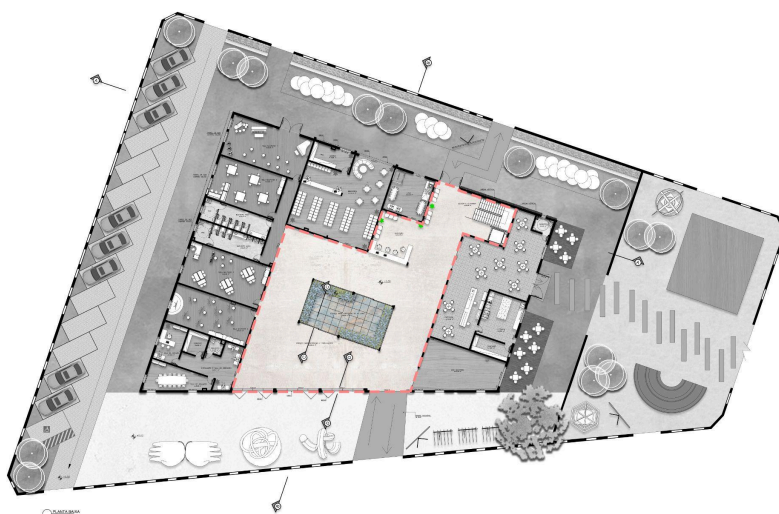


Figura 2 - Planta baixa do projeto. Fonte: da autora.

O primeiro espaço a ser analisado, chamado de Espaço para Exposições e Circulações, tem área total de 368,10 m². Ele abriga as principais circulações do edifício, funcionando como zona de transição para o público, que pode atravessar o perímetro e interagir com a arte simultaneamente, conforme mostrado na Figura 2.

A parede de vidro na sua fachada principal, equipada com brises móveis, garante o controle da incidência solar para a preservação de obras sensíveis, mas sem perder a luminosidade natural e o contato com a área externa. A configuração da planta, sem barreiras visíveis, favorece tanto exposições convencionais em paredes laterais, quanto instalações temporárias, exposições de peças grandes e volumosas, graças ao pé direito duplo, e intervenções artísticas. Tal versatilidade poderá suprir as necessidades e demandas dos artistas contemporâneos por projetos dinâmicos, conforme relatado por PONTES (2015).

O segundo espaço analisado está situado no átrio do edifício, ocupando local de destaque na planta, e se chama Espaço para Exposição ao Ar Livre. Com área de 66,64m², este ponto focal do projeto possui transparência total nas quatro fachadas, feitas de vidro temperado. Aberto, sem cobertura, foi pensado para receber obras que dialoguem com a iluminação natural, o clima e a paisagem interna do edifício.

Este ambiente contém acessibilidade, assim como o restante da construção, e um jardim em duas extremidades que introduz um componente natural e um ponto verde interno no edifício. Além disso, o restante da pavimentação, feita de piso porcelanato, possui inclinação para o escoamento adequado de água da chuva, para evitar acúmulo. Por mais que a sua utilização seja condicionada à intempérie, essa característica o torna propício a exposições específicas que visam integração com a natureza, o que também o diferencia do primeiro espaço analisado.

4. CONSIDERAÇÕES

As disposições dos dois locais analisados, um envolvendo o outro na organização espacial da planta, cria um percurso expositivo único, onde a transição entre ambientes fechados e abertos é capaz de oferecer experiências complementares ao público visitante.

Desta forma, considerando as conclusões atingidas neste estudo, propõe-se a continuidade da pesquisa através da realização de entrevistas com artistas regionais e simulações digitais de diferentes tipologias expositivas, com o objetivo de aprofundar a potencialidade desses espaços no contexto cultural da cidade de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOM, Ana Carolina Cruz. Gabinete de Curiosidades: Entre Ciência e Experiência Estética. **Alamedas**, v. 12, n. 3, p. 42–49, 2024.

ALVES, Giovana Cruz. O lugar da arte - um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS**, 2., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: FAU/PROARQ, 2010. 1 CD-Rom.

BARBOSA, Anne Lize Vaz. **Centro de Arte e Cultura do Porto - Pelotas, RS**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Pelotas, 2022.

PONTES, Ana Paula Gonçalves. Architecture for Contemporary Art: Away from Neutrality. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 17, n. 2, 2017.

POLO, Maria Violeta. **Estudo Sobre Expografia, Quatro Exposições Paulistas do Século XX**. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes) - Pós Graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006.

PONTES, Ana Paula; MARTINS, Patrícia. Desafios de projetar exposições temporárias em uma casa modernista. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEOGRAFIA E ARQUITETURA DE MUSEUS**, 6., 2019, Recife, Petrópolis, Rio de Janeiro. Anais [...] Recife, Petrópolis, Rio de Janeiro: [s. n.], 2019. p. 1-13.

SABINO, Paulo Roberto. Arquitetura e Expografia: Um Estudo de Suas Relações com Museus e Instituições Culturais. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 11, n. 2, p. 24, 2012.